

Ser bom aluno é vergonhoso?¹

Jair Aparecido Artico²

Centro Universitário Metropolitano de São Paulo – UNIFIG
Universidade Paulista – UNIP

Resumo

O interesse pela temática indisciplina surgiu quando da época em que comecei a ministrar aulas de matemática em 1994. Verifiquei que muitos dos bons alunos tinham dificuldades em tirar dúvidas e se concentrar nos exercícios, devido a posturas inadequadas de seus colegas. Neste sentido, a proposta deste trabalho é analisar os atributos dos alunos disciplinados. Os participantes, desta breve investigação, foram nove alunos do ensino fundamental II de uma Escola Estadual na Cidade de São Paulo, entre 11 e 15 anos. A indicação deu-se pelos professores de cada sala. Pelas respostas dos alunos dá para perceber a importância da escola na vida e no futuro deles e como é importante o papel do professor. Os alunos colocam na mão da escola todas as suas expectativas de ser alguém na vida. Somente por querer ser alguém na vida, já seria o suficiente para um esforço maior de toda a equipe acadêmica.

Palavras-chave

Indisciplina; Regimento Escolar; Autonomia

O artigo aqui apresentado resultou de uma breve investigação com alunos das séries do ensino fundamental II, alunos na faixa etária entre 11 e 15 anos, de uma escola pública na Cidade de São Paulo. O interesse pela temática indisciplina surgiu quando da época em que comecei a ministrar aulas de matemática em 1994 e, até hoje esse assunto continua despertando interesse. Nesse período de mais de 10 anos de experiência na vida acadêmica verifiquei em minhas aulas que muitos dos bons alunos tinham dificuldades em tirar dúvidas e se concentrar nos exercícios, devido a posturas inadequadas de seus colegas. Pude constatar também que os bons alunos sofriam calados, pois se houvessem reclamação por parte deles, logo eram chacoteados como, CDF, Nerds etc. Percebi que muitos desses bons alunos tinham vergonha de assumir que eram bons. Nesse período de mais de 10 anos vivenciei uma situação interessante. Aconteceu no ensino fundamental II. Um aluno tinha obtido a nota dez

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Educação e Aprendizagem”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Mestre em Administração de Empresas pela Unicidade e Pós-Graduação Lato Sensu em Docência do Ensino Superior pela Unifig, Guarulhos, SP. Professor dos Cursos de Administração de Empresas na Unifig e Gestão Tecnológica pela Unip. Professor-Coordenador dos Cursos de Gestão Tecnológicos na Unip. articojgtt@terra.com.br

e, diante do grau de dificuldade da prova, resolvi elogiá-lo perante a sala. Após todos os meus elogios, o aluno chegou ao meu ouvido e disse. “Professor, por favor, não faz estes comentários, senão fico ‘sem moral’ com meus amigos.”

Outro aspecto importante a ser ressaltado quando se fala em indisciplina é que, professores e dirigentes não conseguem exercer seu papel de autoridade, sentindo-se impotentes. A cada dia, que passa, tem-se verificado uma situação pior, chegando, em alguns casos, até em pedidos de exoneração por parte de muitos professores, dadas às dificuldades em lidar com a indisciplina.

Muito se tem falado das supostas causas da indisciplina, teorias a respeito do ser humano enquanto ser social, do papel da família e da escola na sociedade. Desse modo, na tentativa de contribuir para a reflexão acerca de muitas questões ligadas a educação, em especial, a indisciplina dos alunos enfrentada pelos professores, pelas escolas e principalmente pelos alunos disciplinados, o texto procura abordar algumas ponderações sobre o grande obstáculo pedagógico que a educação está enfrentando, tendo sempre como foco o aluno disciplinado.

Vasconcelos (2008) diz que é grande o desafio que os educadores têm encontrado em relação à indisciplina em sala de aula e na escola, tanto na rede pública como na particular, todavia com manifestações diversas. A escola vive um momento crítico, vive em função da busca de medidas para resolver a questão da indisciplina, parece que não há outro assunto para discussão. Quando os professores chegam na sala dos professores, têm-se sempre comentários a respeito dos alunos indisciplinados, no intervalo mais comentários, nas reuniões mais comentários. Todas as atenções acabam se dirigindo para estes alunos e quase não há tempo para se dedicar aos alunos disciplinados. Na verdade, são os alunos interessados, empenhados, compromissados com os estudos.

Neste sentido, a proposta deste trabalho é ir ao sentido contrário do pensamento da maioria dos professores e de muitos teóricos em educação e analisar os atributos dos alunos ‘disciplinados’ e que, também, acabam sendo atingidos pela indisciplina de seus colegas, uma vez que, todos os esforços são para os indisciplinados, deixando de lado, os anseios dos considerados bons alunos e responder as seguintes questões.

Quais são os anseios dos alunos disciplinados?

Quais suas maiores dificuldades? Estão contentes com a própria situação de bons alunos? Os bons alunos tem vergonha de ser o que são?

Antes de responder tais questões sobre os bons alunos é necessário conceituar a indisciplina e como ela acontece na sala de aula.

Conforme Gaspar (2008), a indisciplina escolar sempre foi um entrave ao bom andamento pedagógico, porém, hoje as escolas passam por um momento crítico, uma vez que essa situação vem se agravando progressivamente. Ocorrências diárias, dentro e fora das salas de aula refletem-se na família e em outras instituições da sociedade. Por outro lado, a indisciplina escolar pode ser vista como um mero reflexo da indisciplina generalizada em que se encontra a humanidade atualmente. Hoje, é comum encontrar famílias sem nenhuma estrutura, ou seja, sem as mínimas condições de atendimento às suas necessidades básicas em muitos casos somam-se a elas também, o lado psicológico, sem a presença da figura dos pais, quer seja por não dar atenção ou pelo abandono.

De acordo com o Dicionário Aurélio, indisciplina é o procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência, desordem, rebelião.

Apesar do significado da indisciplina pelo Dicionário Aurélio, o conceito pode ser interpretado de diversas formas. A princípio, um sujeito indisciplinado é o que apresenta um comportamento desviante de uma norma social. Dessa forma, o que é considerado comportamento normal em dado segmento da sociedade pode ser visto como indisciplina em outro contexto, dependendo das normas explícitas ou implícitas que estejam sendo desrespeitadas.

Neste sentido, quando se fala em indisciplina nem sempre se fala do mesmo. Para alguns professores, quando um aluno entra na sala de aula com o boné na cabeça ou a mascar chiclete é considerado indisciplinado, enquanto que para outros professores não é. Estes diferentes entendimentos possivelmente são decorrentes, em alguns casos, do fato de que a indisciplina se reporta a comportamentos inadequados e, em outros às significações que tais

comportamentos suscitam. Talvez, também por isso, a indisciplina apareça definida de forma muito variada na literatura (Amado, 1998; Durkheim, 1984; Estrela, 1992; Silva, Nossa & Silvério, 2000).

Com base nessa concepção, é de suma importância verificar, então, quais são essas normas e até que ponto as normas implícitas estão claras. Muitas vezes, as normas explícitas (Regimento Escolar, por exemplo) não são explicitadas da forma como deveriam ser, ou seja, não chegam ao conhecimento de todos e seu cumprimento não é realizado sequer por professores e funcionários, dando a impressão de que tais normas não tem valor. Já as normas implícitas, na maioria das vezes, são pressupostos em relação com a educação recebida em casa. Assim, espera-se que o aluno saiba que deve bater na porta e aguardar permissão antes de entrar na sala. No entanto, o que se observa na prática é que tal conduta nunca foi discutida, analisada, ensinada ou cobrada.

As normas, sejam elas implícitas ou explícitas, são elementos importantes na condução de uma educação igualitária, onde todos os envolvidos tem oportunidades de um aprendizado digno e eficiente. O que se tem que tomar muito cuidado é com o abuso dessas normas, pois poderá fazer com que os alunos tenham dificuldades de se manifestar com medo de serem punidos. A exigência do cumprimento das normas é essencial para o sucesso da educação, mas o exagero limita a criatividade.

É importante ressaltar que a escola não pode em nenhum momento, quer seja por normas ou não, suprimir a autonomia do aluno. A escola regular só poderá concretizar o objetivo de “aprender a aprender” ao longo da vida, reorientando-se. O aluno deve aprender a pesquisar, aprender a inovar e criar em vez da mera memorização de fatos e de teorias (Hummel, p.10). Pelo que é fundamental a mudança, norteadas por princípios gerais da “educação ao longo da vida”, através do 1) Estimular o interesse do aluno; 2) Desenvolver a criatividade e a Autonomia; 3) Encorajar o aluno a ultrapassar as fronteiras do contexto escolar e a desenvolver atitudes abertas em relação à vida (transferência); 4) Integrar os conhecimentos de diferentes disciplinas (relacionar/interdisciplinaridade) e 5) Iniciar o aluno nas várias formas de aprendizagem (Hummel, 1988 p. 12). A escola pública tem de responder a este novo desafio da educação capacitando o aprendente com as novas competências do saber-fazer.

Conforme Schneider (2004), as normas de convívio podem ser uma solução para a diminuição das chamadas indisciplinas e para controlar manifestações de violência escolar. A autora diz ainda que quando as normas são construídas pela comunidade escolar, por turma, existe o comprometimento de todos. Normalmente, as regras estão prontas e são apenas dadas para aprovação. Se todos discutirem os princípios, as normas serão até muito mais exigentes, pois terão sido construídas em conjunto. É preciso obedecer porque eles mesmos construíram as regras do jogo. As normas decididas em reuniões ficam escritas e assinadas em ata, mesmo os alunos pequenos devem participar.

As normas de convivência já vem sendo utilizadas em muitas escolas sendo algo não muito comum nas escolas brasileiras. Desde 1996, a lei exige que cada escola tenha seu próprio regimento, mas ainda não estamos muito acostumados a debater, construir em conjunto. Depois de elaborada, devem ter cópias das normas de direção, na supervisão, no grêmio estudantil e no conselho escolar para que todos possam ter acesso a elas.

Se por um lado às normas não são claras, por outro vivemos um momento cultural em que a sociedade como um todo desvaloriza as regras da boa convivência. Valorizado pela mídia é o levar vantagem, o tirar o proveito, ou seja: individualismo em primeiro lugar na busca pelo prazer e satisfação imediata.

As atitudes antes observadas em uma minoria de adolescentes em relação às atividades escolares, hoje são amplamente generalizadas em estudantes de todos os níveis de ensino, como: apatia, conversas, troca de mensagens escritas, exibicionismo com comentários, posturas ou roupas e acessórios, desrespeito aos horários de entrada e saída da sala de aula, atividades de lazer durante a aula como ouvir música, ler revistas, jogos eletrônicos etc., perguntas colocadas propositalmente para desvalorizar o professor ou o conteúdo, entre outros.

Para Dubet (1997), a disciplina é: “conquistada todos os dias, é preciso sempre lembrar as regras do jogo, cada vez é preciso reinteressá-los, cada vez é preciso ameaçar, cada vez é preciso recompensar”

Isso nos coloca diante de uma ambiguidade, nos alertando de que o respeito às regras dentro de uma instituição é de fundamental importância para seu funcionamento pleno e que, conseqüentemente, a indisciplina representa a ameaça, pois significa desrespeito, desobediência em relação às regras estabelecidas. Por isso Dubet ressalta a necessidade dos professores relembrem as regras e estimulem o seu cumprimento no decorrer do ano letivo.

Para Aquino (1996, p. 126) “a indisciplina na sala de aula deve envolver, [---] a análise de múltiplos aspectos, tais como: as estruturas de poder na escola, as pressões e expectativas dos pais, as concepções dos professores em relação á construção dos conhecimentos, e outros.”

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada utilizando como instrumento de coleta de dados, um questionário com perguntas abertas, para ser respondido individualmente por alguns alunos previamente escolhidos. As questões abertas dão oportunidades para os alunos expressar suas opiniões sem a restrição de uma resposta previamente definida.

Os participantes, desta breve investigação, foram nove alunos do ensino fundamental II de uma Escola Estadual na Cidade de São Paulo, entre 11 e 15 anos. Estes alunos foram selecionados por serem considerados bons alunos. A indicação deu-se pelos professores de cada sala. A pesquisa foi realizada no dia 27 de março de 2009.

Os alunos foram informados que se tratava de uma pesquisa sobre a indisciplina e que seriam onze perguntas abertas. Foram orientados a responder, realmente, o que fossem de sua vontade, uma vez que não seriam identificados.

RESULTADOS

De acordo com as perguntas elaboradas no questionário, obtiveram as seguintes respostas:

Com relação à importância da escola e o futuro que ela pode proporcionar, todos os alunos disseram que a escola é importante e por meio dela, conseguirão ter um futuro melhor.

Em relação ao significado da indisciplina, houve inúmeras interpretações, como, falta de educação com os colegas, professores e pais; não respeitar a si mesmo; decepção; pessoas que não seguem as normas; crianças que não diz por favor e não pede licença.

No questionamento da indisciplina dos colegas em sala de aula, disseram que, atrapalha; eles não têm muito juízo e erram às vezes; não param de conversar; só querem brincar; muito grave porque não tem educação; a indisciplina não é só na sala de aula, quando vamos tomar o lanche, eles furam a fila, xingam sem motivo, jogam comida nos alunos e sujam o banco para comermos em pé.

No conhecimento das normas (Regimento Escolar), a maioria dos alunos conhece somente algumas delas e um dos alunos respondeu que não deu tempo para o professor ler todas.

Em relação à questão “se os alunos tivessem participado na elaboração das normas de convivência, haveria menos indisciplina?”, eles responderam, depende, se fossem os alunos empenhados, tudo bem, caso o contrário, não; melhoraria um pouco, pois tem aluno que não teve a oportunidade de ter uma boa educação dos pais e a maioria dos alunos respondeu que sim, saberíamos melhor a norma e teríamos mais disciplina.

No que se refere à autonomia dos alunos, a maioria respondeu que a escola se preocupa com esta autonomia, inclusive, um aluno disse que, se a ideia for boa, ela vai para a direção e depois acaba virando regra. Porém, dois alunos disseram, que suas ideias não são aceitas, simplesmente porque, ao pedirem para colocar papel higiênico no banheiro, não foram atendidos.

No quesito “rigor aos indisciplinados acarretaria melhor aproveitamento dos bons alunos, todos os alunos disseram que melhoraria seu aproveitamento nos estudos.

Você se considera um bom aluno? Todos os alunos responderam que sim, exceto uma que respondeu que mais ou menos, porque quando o professor explica, fico quieta, mas depois não.

No relacionamento com os colegas de sala, “gostam mais dos bons alunos ou dos alunos indisciplinados?”. Responderam que, dos bons alunos; gostam dos dois e quatro alunos disseram que dos indisciplinados, porque eles fazem muitas brincadeiras e todos riem.

Em relação ao constrangimento, à vergonha por serem bons alunos, a maioria dos alunos disse que tem orgulho de ser bons alunos; mas, infelizmente, dois alunos disseram que, tem vergonha, um porque os outros o chamam de ‘nerds’ e o outro porque tem só um pouquinho de vergonha.

CONCLUSÃO

Pelas respostas dos alunos dá para perceber a importância da escola na vida e no futuro dos alunos e como é importante o papel do professor na vida deles. Os alunos colocam na mão da escola todas as suas expectativas de ser alguém na vida. Somente por querer ser alguém na vida, já seria o suficiente para um esforço maior de toda a equipe acadêmica.

Quanto ao entendimento sobre a indisciplina, não há unanimidade nas respostas. Existem muitas confusões sobre o que é e o que não é. O ideal, segundo as respostas dos alunos, é que seja dado o limite entre indisciplina e falta de conhecimento. Pois, como observado, nos resultados deste artigo, muitos dos alunos não conhecem integralmente as normas de convivência.

É importante que os alunos participem da elaboração das normas, pois conforme disseram haveria maior respeito por elas. E após esta elaboração, participação de todos, conhecimento de todos, aí sim deve-se ter um maior rigor para que sejam seguidas as normas de convivência, pois conforme foi relatado pelos alunos a indisciplina na sala de aula atrapalha muito o seu desenvolvimento. O rigor da escola deve se dar somente em relação ao ato da indisciplina, nunca ao ato do pensar, refletir, agir, etc.

Os alunos sabem muito bem se são bons alunos ou não. É importante que o professor valorize estes alunos, pois poderão servir de exemplos para o restante da sala.

O aspecto que chamou a atenção neste trabalho foi verificar que os alunos, na visão, praticamente da metade dos bons alunos, gostam dos alunos indisciplinados, simplesmente, porque fazem todos rir de suas brincadeiras. É um aspecto interessante mas precisam aprender a perceber que embora importante na aprendizagem, a brincadeira tem que ter objetivos muito claros e não pode ser utilizada para atrapalhar ou impedir a realização de um ensino sério.

Outro ponto merecedor de atenção é o fato de dois alunos terem admitido sentirem vergonha de serem bons alunos. O desejável seria que a camaradagem entre eles não fosse vista como um divisor de águas, um motivo de constrangimento, um freio para não manifestarem os objetivos individuais próprios.

Referências bibliográficas

Amado, João da Silva (1998). Pedagogia e actuação disciplinar na aula. Revista Portuguesa de Educação, vol. 11, n 2, pp. 35-55

Aquino, J. G. (org). A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. Indisciplina na escola. São Paulo:Summus, 1996.

Aurélio. Dicionário. Disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com/dicionario.php> Acesso em 10 set. 2008.

Dubet, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n 5, mai/ago, n 6, set/dez 1997, p. 222-231

Durkheim, Emile (1984). Sociologia, Educação e Moral. Porto: Rés Editora

Estrela, Maria Teresa (1992). Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula. Porto: Porto Editora

Gaspar, Priscila da Faria. Indisciplina escolar na Atualidade. Disponível em <http://www.somostodosum.ig.com.br/clube/artigos.asp>. Acesso em 14 de ago de 2008

Hummel 1988: P. Hummel, Philos/pistos. Hummel, Philos/pistos. Étude d'un cas de complémentarité métrique, IG 1988 Nr. 36 17-19

MAGALHÃES, Olga Maria (1992). Verso e reverso. Os alunos, os professores e a indisciplina. Tese de mestrado em Educação, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Schneider, Rosa. Normas convívio podem ser solução para escolas. 2004. Disponível em http://www.universia.com.br/html/noticia_dentrodocampus_bbdcb.html Acesso em 10 out 2008.

Silva, Carlos Fernandes; Nossa, Paulo Nuno & Silvério, Jorge Manuel (2000). Incidentes críticos na sala de aula. Análise comportamental aplicada. Coimbra: Quarteto Editora.

Vasconcellos, Celso dos S. Os desafios da indisciplina em Sala de Aula e na Escola Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/idéias_28_p227-252_c.pdf. Acesso em 18 set 2008.